

Articulações e publicações cartoneras em tempos pandêmicos: *livros Letras de Cartón II e SARS-CoV-2*^{1,2}

Cartonera articulations and publications in pandemic periods: Letras de Cartón II and SARS-CoV-2 books

Ariadne Catarine dos Santos

Doutoranda na área de Teoria Literária e Literatura Comparada (PPG-TLLC) pela USP; mestra pelo Programa em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPG-ECLLP-USP), graduada em Letras (FFLCH-USP), com intercâmbio na Universidade de Coimbra (UC) em Portugal.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7398-8636>>

Contato: ariadnevalentim@usp.br
Brasil

Recebido em: 17 de fevereiro de 2023

Aceito em: 15 de março de 2023

1 A discussão proposta neste artigo foi apresentada na mesa de abertura do 10º *Encuentro Internacional de Editoriales Cartoneras*, realizado em novembro de 2022, na Biblioteca de Santiago, no Chile. Os dados foram atualizados para esta atual versão.

2 Este artigo faz parte de uma pesquisa ainda em andamento com financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2021/10192-0.

PALAVRAS-CHAVE: Ações cartoneras; Publicações cartoneras; Memória; Pandemia; Democracia.

Resumo: Desde o ano de 2020, o mundo vive uma tragédia sanitária que ainda deixa suas marcas no campo social, político, econômico, educacional e cultural. Dados oficiais, sem contar as subnotificações, apontam que mais de 6 milhões de pessoas morreram em consequência da COVID-19 e mais de 700 milhões de casos se espalharam pelo mundo, mostrando as diversas facetas de desigualdades entre países. Dentro do universo das editoras cartoneras, com uma utilização ainda maior dos recursos digitais disponíveis, muitas delas conseguiram promover diversas articulações (entre elas, oficinas, reuniões, bate-papos, publicações coletivas etc.), mesmo diante de um contexto em que as ações e produções culturais foram bem afetadas de um modo geral. Neste artigo, dividido em três partes, discutimos algumas práticas e produções cartoneras em tal contexto, a partir de uma apresentação geral e de trechos selecionados dos seguintes livros coeditados: *Letras de Cartón II* e *SARS-CoV-2*, que são compostos por vozes de distintos locais e formam uma espécie de mapa narrativo que entrelaça literatura e história, permitindo-nos refletir sobre a questão da memória individual e coletiva, da morte, do luto e dos vínculos comunitários no contexto da maior pandemia do século XXI.

KEYWORDS: Cartoneras actions;
Cartonera Publishing; Memory;
Pandemic; Democracy.

Abstract: Since the year 2020, the world has been experiencing a health tragedy that still leaves its marks in the social, political, economic, educational and cultural fields. Data shows, not counting underreporting, that more than 6 million people have died as a result of COVID-19 and more than 700 million cases have spread across the world, even showing the various facets of inequalities between countries. Within the cartonero universe, with an even greater use of available digital resources, many cartonera publishers managed to promote various articulations (among them, workshops, meetings, chats, collective publications, etc.), even in the face of a context in which actions and cultural productions were generally well affected. In this article, divided into three parts, I discuss some cartonera actions, within this context, based on a general presentation and selected excerpts from the following co-edited productions: *Letras de Cartón II* and *SARS-CoV-2*, which are composed by voices of different locations and form a kind of narrative map that intertwines literature and history, allowing us to reflect on the issue of individual and collective memory, death, mourning and community ties in the context of the greatest pandemic of the 21st century.

PARTE I – PANDEMIA, CRISE (S) E EDITORAS CARTONERAS

Dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, causados por um vírus que ainda não havia sido identificado em humanos. Dia 13 de janeiro de 2020, foi notificado o primeiro caso fora da China, na Tailândia. Dez dias depois outras situações surgiram na França, Austrália, Malásia, Coreia do Sul, em Singapura, Taiwan e no Vietnã. Passado um período de 20 dias, a OMS já tinha notificações de 830 casos espalhados em 9 países diferentes. Dia 30 de janeiro de 2020, o surto de coronavírus foi declarado como uma emergência internacional.¹

O parágrafo anterior tenta, de forma resumida, demonstrar como a terceira década do século XXI já começou em estado de alerta devido à rápida difusão de um vírus chamado cientificamente de SARS-CoV-2, um microrganismo da família do coronavírus, que causa a síndrome respiratória aguda grave.² O seu poder de contágio e modo de disseminação alteraram as formas de convivência e organização em nível mundial, começando pela China que cancelou as suas típicas celebrações de ano novo, fechou suas fronteiras e estabeleceu medidas de isolamento e *lockdown*, como forma de

1 Uma cronologia da difusão da COVID-19 pode ser lida no site *Covid-Reference*. Disponível em: <https://covidreference.com/timeline_pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

2 Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, os sintomas mais comuns se caracterizam por tosse, febre, coriza, dor de garganta, dores pelo corpo e na cabeça, podendo evoluir para perda do paladar e do olfato, além de alteração no nível de consciência, pneumonia, etc. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

evitar a propagação da doença. Foi no dia 11 de março de 2020 que o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, classificou o contexto como pandêmico e conclamou a máxima atenção, responsabilidade e agilidade dos governos, formulando em poucas palavras outro ponto de extrema relevância: “esta não é apenas uma crise de saúde pública, mas uma crise que afetará todos os setores”.³ (Ghebreyesus, 2020).

Os impactos da tragédia, que se alastra até os dias atuais,⁴ ainda estão sendo analisados, mas o que se sabe é que eles ultrapassaram as fronteiras biomédicas e epidemiológicas, indicando uma repercussão não homogênea, nem universal, mas sim desigual conforme as “(...) condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou mesmo individuais”. (Matta *et al*, 2021, p.15). Para compreender então as consequências da COVID-19 (a forma como a sociedade está se redesenhando – seja no universo do trabalho, na retomada econômica, nas novas modalidades de ensino etc. – e [se está] reelaborando o luto vivido) é necessário observar o fenômeno pandêmico por diferentes perspectivas, contextos, espaços e linguagens, desde a sua dimensão “(...) macrossocial até a capilaridade micropolítica nas formas e estratégias de produção do cotidiano”. (Matta *et al*, 2021, p. 16).

3 Declaração na íntegra do discurso de Tedros Adhanom Ghebreyesus: Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

4 No dia 30 de janeiro, o Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional, que tem acompanhado a questão da disseminação da COVID-19, manteve o alerta de emergência de saúde pública. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/30-1-2023-pandemia-covid-19-permanece-como-emergencia-saude-publica-importancia>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Nos campos⁵ culturais e artísticos, vários foram os gestos para se pensar a dimensão da pandemia para além dos números e dos termos científicos que passaram a fazer parte do vocabulário – “Coronavírus. Covid-19. Pandemia. Curva. Pico. Isolamento. Máscara. Cifras. Ventiladores. Mortes. Recuperados” (Gaudério, 2021, p. 07), como ilustra Gaudêncio Gaudério, um dos editores do livro cartonero *SARS-COV-2*, o qual será comentado ao longo deste trabalho. A entrada de “novas” palavras no cotidiano é da ordem da alteração simbólica do mundo, indicando as (rápidas) mudanças que foram sentidas em diversos âmbitos da vida (em maior ou menor grau), as quais reforçaram (ou propiciaram) em alguns casos a construção de vínculos *outros*, de construção de redes e ações coletivas, de formas de manifestação sobre os medos e protestos e elaboração da memória.

No caso das editoras cartoneras, contextos de crise fazem parte do processo de estruturação de muitas delas e sustentam suas próprias práticas, tais situações são até mesmo representadas por distintos aspectos materiais e simbólicos nos próprios livros publicados, desde o tipo de material utilizado até as formas de pinturas das capas, os textos selecionados e divulgados, as formas de difusão dos trabalhos etc. Não podemos nos esquecer que Eloísa Cartonera,⁶ a primeira editora a se definir como cartonera, nasceu

5 Iniciativas como o site Inumeráveis, que funciona como um memorial das vítimas de coronavírus do Brasil e as experiências de vida por trás dos acontecimentos, como uma forma de humanizar, sensibilizar e trabalhar o luto de forma coletiva, a partir da ideia de que “não há quem goste de ser número/ gente merece existir em prosa”. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

6 Desde 2003, Eloísa Cartonera compra *cartón* dos catadores (os *cartoneros*) para a fabricação de livros que são vendidos por um valor mais acessível. O catálogo é composto por obras de

em um contexto de grave crise na Argentina nos primeiros anos do século XXI e sua forma de atuação, como a publicação de vozes marginalizadas que não conseguiam acesso ao grande mercado editorial tradicional, foi e ainda está marcada pelo uso do *cartón* – o papelão, em língua portuguesa –, material transformado em um símbolo ambíguo de pobreza e desigualdade e, ao mesmo tempo, de resistência e articulação em nível local. Como argumenta a pesquisadora Lucy Bell (2017) torna-se complexo definir o termo “cartonera” (ou “cartonero”), que adjetiva tais editoras, já que ele não representa uma padronização de ideias e motivações, todavia pode ser considerado como elemento unificador e de compartilhamento de saberes – “(...) O termo cartonera, portanto, une o humano e o não-humano, abrangendo a complexidade de um movimento editorial conectado não apenas com materiais de papelão e trabalhadores cartoneros, mas também com contextos socioeconômicos mais amplos de desemprego, pobreza e exclusão social”. (Bell, 2017, p.81, tradução nossa).

No caso da crise pandêmica, o universo do livro cartonero – formado pelas editoras, sentiu de diversas formas o impacto do momento vivido: desde a recolha do papelão nas ruas até a forma de produção do livro em si, ação que, normalmente, demanda presencialidade e coletividade para confecção. No entanto, se alguns indícios apontavam uma “falência” ou possível

vanguarda de autores consagrados, algumas inéditas e também por vezes que não circulam no circuito literário convencional. O modo de saber-fazer de Eloísa se difundiu para vários países e atualmente faz parte de uma rede mais ampla (não só cartonera) de editoras independentes, principalmente no contexto argentino. Perfil no Instagram: <<https://www.instagram.com/eloisacartonera/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

“desaparecimento” dessas produções, o que notamos é a manutenção de uma rede que se articulou em um nível da “capilaridade micropolítica” para desenvolver ações (Matta *et al*, 2021, p.16), utilizando os espaços virtuais para as trocas. Mesmo que na base das ações e produções cartoneras prevaleçam os ideais de “manualidade” e de “encontro”, percebemos —ainda mais no contexto em questão—, que tais noções não se contrapõem ao digital, como já apontava Aurelio Meza (2021), editor da Kodama Cartonera,⁷ sobre como na proposta cartonera, em maior ou menor grau, está o uso de diferentes tecnologias, englobando, desde a sua fundação com Eloísa, experiências contemporâneas de virtualidades. Ideia também explorada por Adrián Vila (2016), que demonstra como muitas editoras de *cartón* se apropriaram das redes, seja com os antigos *blogs*, onde eram/são colocados alguns *pdfs* dos livros produzidos — como mais uma forma de compartilhar as publicações com outros coletivos e com o grande público —; seja para anunciar os eventos de cada coletivo, de modo a formar uma comunidade leitora.

Então, no período de maior gravidade da pandemia, editoras cartoneras, em diversos países, se organizaram na tentativa de manter e reforçar vínculos comunitários, para citar alguns exemplos: vale lembrar a iniciativa de CartoneraTica⁸, de Costa Rica, que desenvolveu o *I Taller Internacional*

7 Criada em 2010, Kodama Cartonera, cujo nome faz referências aos espíritos da floresta segundo a mitologia japonesa, é atuante no contexto mexicano e canadense e publica livros de autores novos ou já conhecidos em um processo de produção artesanal e reciclável, além de disponibilizar muitas de suas publicações em *pdf* na internet. Perfil no Instagram da editora: <<https://www.instagram.com/kodamacartonera/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

8 CartoneraTica é uma cartonera de San José, Costa Rica, formada pelo pesquisador Diego Mora e pela ativista Laura Contreras (LauCo), que tem ativamente participado e apoiado as batalhas de

Cartonero (vía ZOOM), uma oficina semanal (às sextas-feiras, de 29/05 a 19/06/2020), aberta a todo público, durante a qual se conversava com uma outra editora convidada, praticava-se escrita criativa e técnicas de encadernação, constituindo-se então como um espaço que “además de crear redes”, visava “conocer realidades y vivencias en otras partes del mundo”,⁹ o que permitia a partilha de experiências em diferentes contextos pandêmicos. Curupira Cartonera¹⁰, de Tangará da Serra- MT, por sua vez, continuou com lançamentos de seus livros de forma virtual, divulgando vídeos curtos em que as participantes liam poesia, além de estabelecerem uma parceria para traduzirem títulos do catálogo da editora cartonera boliviana Yerba Mala.¹¹ Já Ucumari Cartonero¹², de Peru, também se manteve extremamente

poesia (*Poetry Slam*) em diversos países. Perfil no Instagram do grupo: <<https://www.instagram.com/cartoneratica/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

- 9 A oficina foi conduzida por Diego Mora e Laura Contreras, tinha como marca do convite a seguinte frase: “¡Integrate a una comunidad multicultural y colaborativa!”. Mais informações podem ser encontradas no Facebook da editora, principal rede social onde foram divulgadas as iniciativas: <<https://www.facebook.com/cartoneratica>>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- 10 Curupira Cartonera está situada em Tangará da Serra, no Mato Grosso, e atua como um projeto de extensão do curso de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), em uma articulação entre a professora Flavia Krauss de Vilhena e estudantes do curso de Letras. Durante os momentos de isolamento social, os lançamentos e outros modos de ações da editora continuaram e podem ser verificados no Facebook, rede em que o grupo costuma fazer divulgações dos trabalhos realizados. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CurupiraCartonera>>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- 11 Yerba Mala Cartonera figura entre as primeiras cartoneras criadas, completa neste ano 17 anos de existência e está situada em Cochabamba na Bolívia. Perfil da editora no Instagram: <<https://www.instagram.com/yerbamalaeditorial/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- 12 Ucumari Cartonero nasceu meses antes do início da pandemia a partir das ideias de duas docentes, Caroll Castro, Ana Valverde Lescano e Esther Marchan; a editora se destaca por difundir as ideias do livro cartonero e do ensino das regras dos 5R da sustentabilidade: Reduzir, Recuperar,

ativo nas redes e com ações articuladas com escolas, professores e alunos, servindo como um ponto de apoio, principalmente, para docentes que estavam repensando as formas de ensino na modalidade virtual; muitas das oficinas incentivavam a busca pela criatividade, pelas formas de reciclagem e repensavam recursos usados em aula. Outra articulação importante foi a formação da Plurinacional Cartonera, a partir da ideia de Marcus Gusmão, da Licuri Livros Artesanais,¹³ editora de livros costurados à mão de Salvador, em articulação com Gaudêncio Gaudério da Vento Norte Cartonero,¹⁴ editora cartonera de Santa Maria – RS, com encontros semanais durante os quais um grupo diverso de editoras cartoneras, escritores e educadores populares contam suas experiências com difusão literária, alfabetização, atuações em movimentos sociais, entre outros tópicos. O grupo começou

Reutilizar, Reciclar e Recusar, no contexto educativo peruano. As ações e produções de Ucumari Cartonero podem ser acompanhadas na página do Facebook, rede em que a cartonera atua de forma ativa e por onde transmite muitas das suas oficinas: Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071097098838>>. Acesso em: 06 jan. 2023.

- 13 Licuri Livros Artesanais foi criada em 2018 e está situada em Salvador, onde vive Marcus Gusmão, seu fundador. Licuri tem realizado oficinas de livros cartoneros e colaborado com a construção de outras editoras, como a Eureka Cartonera, coordenada por Kátia Borges, na cidade Igatu, na Chapada Diamantina. Perfis da Licuri Livros Artesanais: <<https://www.instagram.com/licurilivrosartesanais/>> e da Eureka Cartonera: <<https://www.instagram.com/eurekacartonera/>>. Acessos em: 06 jul. 2023.
- 14 Vento Norte Cartonero completa 10 anos agora em 2023, está situado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e tem realizado oficinas em escolas e em presídios, destacam-se as publicações de autoria de pessoas privadas de liberdade e a parceria com outras cartoneras para a formação de um eixo de literatura carcerária. No perfil do Facebook da Vento Norte Cartonero são divulgadas informações sobre a Plurinacional Cartonera, além de outras iniciativas, como a exposição “O universo dos livros cartoneros”, com curadoria de Gaudêncio Gaudério, ação que percorre bibliotecas e espaços culturais de algumas cidades portuguesas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ventonortecartonero>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

a se reunir semanalmente (toda terça-feira) em 2020 e se mantém até hoje, contabilizando mais de cento e cinquenta reuniões.

O que notamos, portanto, é que de diferentes formas e em distintos graus, as articulações cartoneras e os projetos coletivos continuaram (re)existindo, mesmo diante das dificuldades de cada contexto, ainda que o medo e o luto estivessem tão presentes. Das produções, destacam-se dois livros lançados no período: *Letras de Cartón II* (2020) e *SARS-CoV-2* (2021), que, além do teor de denúncia, reforçam a importância do fazer coletivo cartonero – e de sua transmissão – e buscam que as memórias não se percam, convocando a uma reflexão sobre a importância de políticas memorialísticas para a construção e manutenção de uma sociedade democrática, entre outros pontos, como veremos na parte a seguir.

PARTE II – LIVROS CARTONEROS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Os livros *Letras de Cartón II* e *SARS-CoV-2* são coedições cartoneras, produzidas em coautoria com textos predominantemente em espanhol e português; no caso, o livro *SARS-CoV-2* também contém textos em italiano e em inglês traduzidos para o espanhol. Essas duas obras envolvem pessoas de diversos países, o que por si só já forma um mapa de experiências não só individuais, mas coletivas e geopolíticas, tendo em vista que nossas experiências são frutos dos lugares onde vivemos e das condições histórico-sociais que vivenciamos (Cruz; Perrota, 2021). De modo geral, pelos textos se consegue avistar um todo, coletivo e plural, da situação pandêmica em

distintas partes do mundo; bem como se consegue uma aproximação, como uma lupa, para ver as miudezas das experiências individuais.

Como já colocado na primeira parte, no contexto pandêmico, o discurso “estamos no mesmo barco” se mostrou falacioso, estudos (e a própria vida cotidiana) mostravam que estamos no “mesmo mar revolto”, mas não nos mesmos tipos de embarcações, muito menos temos as mesmas ferramentas para remar – “(...) os barcos em que cada um está são muito diferentes: alguns são iates preparados para o mar revolto, outros são simples canoas, e há indivíduos que não estão em qualquer tipo de barco, mas à deriva e solitários no mar hostil”. (Matta *et al*, 2021, p. 17). Levando isso em conta, as diferentes vozes selecionadas para compor os dois lançamentos escancaram que os níveis de desigualdade e os graus de vulnerabilidade são diversos e, por isso, atuam como um canal de denúncia que reivindica que tais diferenças sejam ser consideradas para se pensar políticas culturais, da memória, do luto, de reparação e de reconstrução comunitária.

O livro *Letras de Cartón II*, por exemplo, foi lançado em 2020, no primeiro ano da pandemia. Ele faz parte de uma coleção criada em 2019 com o livro *Letras de Cartón I*, a partir da organização de Sol Barreto, da Catapoesia,¹⁵ e Marcelo Barbosa, da Candeeiro Cartonera.¹⁶ A convocatória para o

15 Catapoesia foi criada pela Solange Barreto no segundo semestre de 2009. Atualmente, a editora articula ações no interior de São Paulo e em Minas Gerais, tendo destaque a atuação e o resgate de histórias dentro dos quilombos. Perfil no Instagram: <<https://www.instagram.com/catapoesiaeditoracartonera/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

16 Candeeiro Cartonera foi criada pelo Marcelo Barbosa e está situada em Curuaru, município de Pernambuco. A editora tem realizado um papel de articulação entre editoras cartoneras, atuando

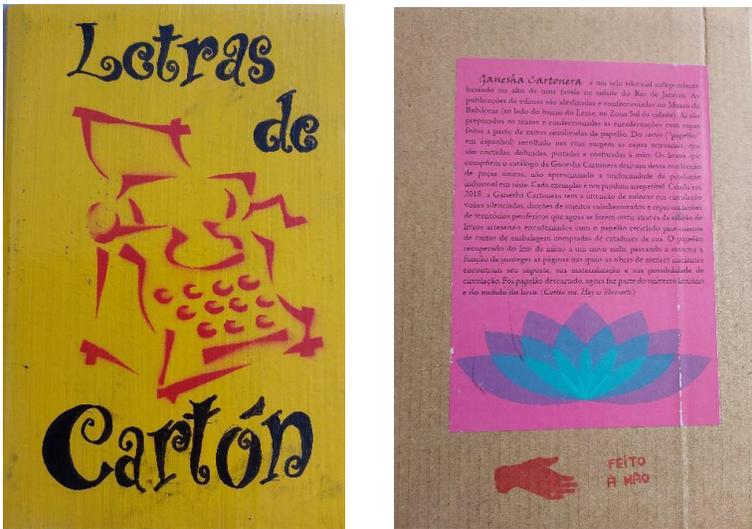
segundo número foi lançada nas redes sociais. em especial pelo Facebook e Instagram; o convite era para o público no geral, mas também incentivava a participação de outras editoras tanto para publicar textos (muitos deles são de autoria de editores cartoneros), quanto para produzir e confeccionar a obra, bem como para ampliar a divulgação visando outros públicos. O modo de atuação entre as cartoneras participantes mantém uma das ideias de base desse universo: a articulação de uma certa comunidade sem perder a singularidade das ações, como a de edição, principalmente das capas, já que cada editora cartonera participante desta coedição pôde confeccionar o livro ao seu modo.

A capa aqui apresentada, no caso, foi produzida pela Ganesha Cartonera,¹⁷ uma editora criada em 2018, que está atualmente situada no Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro. Seguindo um certo estilo que já marca outras edições de tal editora, para a capa se utiliza um papelão mais grosso do que o convencional, pintado de cores vibrantes, neste caso de cor amarela, e traz o título do livro e a imagem de uma máquina de escrever feita em estêncil (técnica de pintura que também é vista em outras capas da Ganesha). Já na contracapa, observa-se um adesivo com um pequeno texto sobre a história

de forma colaborativa nos processos de diagramação e edição de textos. Perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/candeeiro_cartonera/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

17 Fundada em 2018 pelo professor Ary Pimentel, a editora tem atuado com oficinas em escolas e universidades, além de realizar um processo de publicação e divulgação de *slammers*, principalmente mulheres negras. Perfil no Instagram: <<https://www.instagram.com/ganesha.carto/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

e os princípios da editora, além do carimbo “feito à mão”, reforçando o caráter artesanal da produção.



Figuras 1 e 2: Capa e contracapa do livro *Letras de Cartón*

Participam da coedição 16 cartoneras de 8 países, a saber: Argentina – Cieneguita Cartonera; Brasil – Butecanis Editora Cabocla, Candeeiro Cartonera, Catapoesia, Editora Maracaxá, Eureka Cartonera, Ganesha Cartonera, Viajeira Cartonera e Voz Cartonera; Chile – Olga Cartonera; Equador – Mandrágora Colectivo Cartonera; México- MAYA Cartonera, La Rueda Cartonera; Peru – Lumpérica Cartonera; Portugal – Eva Cartonera; Venezuela- Dirtsa Cartonera. Contabilizando no total textos de 23 autores.

Para essa formação acontecer, os organizadores ressaltam a importância das redes e da virtualidade não só como tema, mas como modo de atuação.

Marcada pelo título “os dispostos se atraem”, a apresentação inverte o ditado popular “os opostos se atraem”, de modo a alterar a perspectiva sobre modos de *encontro*, afinal a ideia de atração se dá pela disposição para o contato, para o relacionamento, o fazer/estar junto, o que evidencia, de certo modo, a tônica de muitos dos textos sobre a “coletividade e a solidariedade, principalmente em tempos tão sombrios e precários” (Barbosa & Barreto, 2020), daqueles que estão dispostos, como escrevem os editores. No livro, portanto, a ideia da solidariedade vem representada pela ilustração de uma árvore, em preto e branco, que ocupa o centro da página e carrega a própria palavra solidariedade em parte do tronco que a sustenta; na outra parte, letras soltas se mesclam, como se indicassem aquilo que ainda poderá vir a ser escrito. A copa, por sua vez, traz símbolos musicais, do que pode vir a ser cantado. Em uma mescla do novo e do velho, a árvore mantém suas raízes, em uma espécie de culto à ancestralidade.



Ilustração de Sol Barreto no livro *Letras de Cartón*

Os versos do poema “Mãos dadas na contramão”, também de autoria de Sol Barreto, trazem uma reflexão sobre a tão almejada solidariedade, a que caminha “na contramão/ da violência que dizima/da corrupção, que sucateia/ e da falta de percepção (...) do sistema que aniquila (...) da mentira que contamina”. (Barreto, 2020, p. 18). Para o eu-lírico, andar no sentido contrário do fluxo exige entrelaçar as mãos, se juntar com pares, àqueles que também estão dispostos a semear um mundo mais plural.

Pela solidariedade, no caso, podemos realizar “a reconstrução do esgarçado/ tecido da cidadania”, ideia que se une aos versos do poema “Soli-dar-se”, de Andrea Carneiro Lobo e Igor Felipe Bergamaschi, nos quais se diz “a

solidariedade floresce nos gestos de amparo e empatia/ para com o outro e sua dor, ainda que essa dor não seja a nossa”. (Bergamaschi; Lobo, 2020, p. 50). Ação empática que parece ser exemplificada pelos gestos de dona Dina, personagem do conto “Entre linhas e afetos”, de autoria de Ana Raiz. Dona Dina é uma senhora que vive em uma comunidade marginalizada e é admirada pela vizinhança; apesar de viver com pouco, mesmo assim ela reparte o que tem e se alegra com as conquistas daqueles que a cercam. A personagem representa a vizinha que compartilhou comida durante a pandemia, costurou a calça de um vizinho desempregado e lhe ofereceu um “trocadinho” para o transporte para que ele conseguisse chegar a uma entrevista de emprego. Os gestos realizados por Dona Dina parecem concretizar a ideia de empatia dos versos “Soli-dar-se”, afinal as ações realizadas por ela são sentidas pelo coletivo como cuidado e afeto. Assim, o narrador conta a reação de um dos vizinhos acolhido pela senhora:

Com olhos marejados, Joaquim pegou a calça e quase não conseguiu agradecer, com a voz trêmula. Se despediu e seguiu caminho. No bolso da calça, o dinheiro do passe e mais um pouco, com um bilhetezinho “Tome, compre um salgado para não passar mal na rua. Boa sorte e fica com Deus. O emprego vai ser teu!”. Essa dona Dina é uma figura mesmo. Queria dar um abraço nela. Seguiu mais confiante rumo à entrevista. Fé na alma e coração com coragem e alegria”. (Raiz, 2020, p.56).

Se as noções de “solidariedade” e “empatia” apareciam de forma abstrata nos textos iniciais da coletânea – como algo quase inatingível em alguns

deles –, com a personagem Dona Dina, essas concepções ganham concretude e apontam as falhas de um sistema que não consegue proteger os seus cidadãos, já que as políticas públicas não os alcançam, sendo necessárias ações individuais daqueles que, na maioria das vezes, também não têm muito. O embate entre ações individuais e coletivas e o papel do Estado também aparecem na crônica “Mais uma vida se vai [a evolução dos bichos...que somos nós]”, de autoria de Ary Pimentel.

O texto em prosa nos traz uma reflexão sobre as reações dos humanos e as reações dos animais diante de um evento trágico. Nele, o narrador (em primeira pessoa) ao descer o morro onde mora, para fazer compras, se depara com que parece, em um primeiro momento, uma “algazarra”, “um barulho inquietante que de longe anuncia desgraça”. (Pimentel, 2020, p. 47). Ao diminuir os passos, o homem chega mais perto e percebe que uma “multidão de pequeninhos” está ali em prantos, pois um deles - um membro da comunidade - caiu do fio de alta tensão e está dando o seu último suspiro. Naquele momento de grande dor, o narrador-personagem assiste comovido à reação dos saguis que se mantêm perto do companheiro enquanto ele dá o seu último suspiro de vida. Em uma espécie de velório, os animais velam e choram “aquela morte absurda”.

(...) Há algo de sagrado na morte desse pequeno ser senciente. Há algo de solene no seu recolhimento mudo. Há um decoro comovedor nessa dor compartilhada aos gritos. Percebo que alguma coisa inexplicável conecta os nossos mundos e isso faz as lágrimas brotarem, pois me dou conta de que eles são capazes de sentir a dor do outro de um modo que já não

vemos com frequência em muitos dos seres desumanos que hoje povoam a nossa vida social, sejam eles ministros da saúde, pastores evangélicos ou o próprio presidente desta infeliz república. (Pimentel, 2020, p.48).

“Mais uma vida se vai...” retoma também as vidas humanas que foram perdidas pela pandemia de COVID-19 e alerta que esse número só aumenta, ressaltando que “são bem mais do que números” (Pimentel, 2020, p. 47), por mais que alguns tentem esquecer dessas vidas ou minimizar o acontecimento. De algum modo, a “multidão de pequeninhos”, observada pelo narrador, conseguiu realizar um ritual de despedida, mas muitas famílias não conseguiram se despedir dos seus entes queridos. Avançando nas indagações, o texto pensa no luto individual e coletivo, na (ausência) de gestão da pandemia pelo governo, na maneira como o próprio homem tem se desumanizado, no trauma dentro do qual estamos todos imersos.

Tal debate político que aparece, em suas diversas nuances, no livro *Letras de Cartón*, lançado no primeiro ano pandêmico, também se apresenta no livro *SARS-COV-2 – La vida en tiempos de pandemia*, publicado em 2021, segundo ano pandêmico, em uma nota ainda mais alta de contestação. Nesse caso, a ordem cronológica desta apresentação tenta demonstrar como a experiência pandêmica foi se desdobrando, caminhando entre espaços de idealização de uma sociedade mais solidária e empática e gestos de contestação para um segundo momento no qual os ânimos e o estresse ganharam outra dimensão.

Também em formato de coedição entre três editoras cartoneras de 3 países, a saber: Brasil – Vento Norte Cartonero; Estados Unidos – El Nopal

Cartonero (atual Aquifer Cartonera)¹⁸; e, Portugal – Eva Cartonera¹⁹, o livro é composto por textos de 18 autores. A versão apresentada foi confeccionada pela Vento Norte Cartonero. Na capa, destaca-se a imagem de uma pessoa, um homem, com a cabeça enjaulada, além disso ele usa um tapa-olhos e uma máscara (objeto que virou símbolo deste momento pandêmico).



Figuras 3 e 4: Capa e contracapa do livro *SARS-CoV-2*.

Esse homem, como metonímia da sociedade, parece representar a maneira como estávamos vivendo e o temor de não saber se sairíamos da situação. Do tempo da chamada até o tempo da publicação efetiva, já se tinha os

18 Aquifer Cartonera foi criada há quatro anos em San Marcos, Texas, nos Estados Unidos (EUA), pelo professor Jesse Gainer. A editora tem realizado diversos projetos em parceria com Ucumari Cartonero (Peru) e La Maestra Cartonera (Colômbia), incentivando a produção infantil e bilíngue. Perfil no Instagram: <<https://www.instagram.com/aquifercartonera/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

19 Criada em 2019 pela bibliotecária Helena Patrício, EVA Cartonera se define como uma editora não convencional, que realiza oficinas em diferentes espaços. Em muitas capas dos livros publicados são feitas colagens. Perfil no Instagram: <<https://www.instagram.com/evacartonera/>>. Acesso em: 06 jul. 2023.

indícios do processo de vacinação em várias partes do mundo, mas também já se avistava a situação desigual na qual estava se dando tal processo; além do avanço do discurso negacionista antivacina que se tornava mais presente em várias camadas sociais e dos discursos anticiência contrários à ideia de uma catástrofe climática, entre outros pontos. Logo na apresentação, escrita por Gaudêncio Gaudério, com frases em espanhol e português, o livro é classificado como um inventário de testemunhos – “Trata-se de um variado elenco de autores que através da palavra ou dos traços buscam dar testemunho do que é viver em tempos de pandemia, inclusive alguns na condição extrema de estar privados de liberdade” (Gaudério, 2021, p.08), que explica esse contexto mencionado:

(...) Palabras que de muchas maneras traducen el tiempo que vivimos, un tiempo de enormes paradojas y absurdas negaciones, pues, si por un lado, la gran mayoría de seres humanos ansiamos ser vacunados lo más rápido posible para salir del miedo y la cuarentena, para retornar a una normalidad que ya nadie se atreve a definir; por otro, ciertos agentes políticos, sociales y religiosos proclaman desde las altas esferas del poder que todo lo que envuelve la “gripesita” mundial responde a la acción orquestrada en/desde Pekin para adueñarse del mundo. E como adendo a terra deixou de ser redonda, o assaz alegado aquecimento global é mera invenção das ONGs, os que têm passado de atleta são imunes a qualquer vírus, as verdades da ciência são ideologias prejudiciais para os homens de fé, etc., etc. Por isso, o elevado número de mortos e de pessoas contaminadas nas “plagas esquecidas de Deus” não tem nenhuma relevância na hora de traçar políticas públicas, porque o Estado, na visão dos que hoje o administram, não pode gastar recursos nem energias situações de nula significação. Ahora

sólo tenemos que cambiar la frase de "siglo XX" por la de "siglo XXI" para actualizar el famoso y perspicaz tango de Discépolo: "Cambalache"! (Gaudério, 2021, p. 07-08).²⁰

Trazendo, portanto, diversas citações que marcaram o momento em questão, como a ideia de que a terra é plana e as teorias conspiratórias, nesta obra a questão da solidariedade ganha outra dimensão, afinal como conquistaremos esse ideal comunitário frente aos discursos negacionistas que se avolumam e impedem até a criação de políticas públicas eficazes, como no caso brasileiro? Como uma lupa, os textos nos aproximam das minúcias das experiências vividas, como é o caso do primeiro conto, cujo título sugestivo "Algo ainda não foi dito sobre a covid", de autoria MJ Scheres, aponta que diante de tantos dizeres, algo ainda não foi dito da experiência individual -e intransferível- de alguém que sobreviveu.

Acompanhamos, então, um narrador que escreve sobre a própria experiência em uma relação intrínseca entre corpo e escrita. Com medo da morte e diante de uma sensação de solidão, ele entrelaça um discurso crítico e uma espécie de um diário de seus dias acometidos pela doença, enquanto vivencia um desvario de febre e calafrios:

Ainda deitado, com coceiras na bunda e nas costas, lembro dos 200 mil mortos e dos milhões de contaminados. Nisso, num momento intempestivo, regenero, me humanizo, emerge uma sensação de dever, de urgência, de escrever algo definitivo como testamento, um 'J'accuse', do

20 Transcrevemos o texto tal qual está no livro em sua mescla de português e espanhol.

que vi de mais sujo e sórdido no mundo e nas pessoas – revelar os nomes dos filhos da puta que causaram toda essa sujeira neste país. (Scheres, 2021, p. 12).

Deitado em sua cama, o narrador-personagem estabelece um paralelo entre o seu corpo individual – que sofre com os sintomas do vírus –, e o corpo coletivo – que sofre não só com o vírus, mas também com os políticos. E ele exclama: “ (...) esses filhos da puta do vírus estão destruindo célula por célula do meu corpo com uma gana facínora pelo desaparecimento. Acabou. Fim. O meu corpo já não mais me pertence, virou um pedaço de madeira carcomida por cupins, bando de sacanas aproveitadores”. (Scheres, 2021, p. 09). E, mais uma vez, a figura de um animal, no caso a cachorrinha de estimação, aparece como figura central para pensar a questão do afeto. Isolado, com medo de morrer antes de ser vacinado, é a Lili, a cachorrinha, que acompanha o narrador nesta jornada, demonstrando mais solidariedade do que outros humanos. Assim, uma cena entre os dois é descrita: “(...) dorme ao meu lado para me proteger da escuridão, para que eu não vá embora sozinho para a escuridão da Escuridão”. (Scheres, 2021, p. 13).

Ademais, diante de uma pandemia que escancarou a desigualdade, um retorno ao normal é questionado em uma das tirinhas, ilustrada por Marta Mancusi, que faz parte do livro:

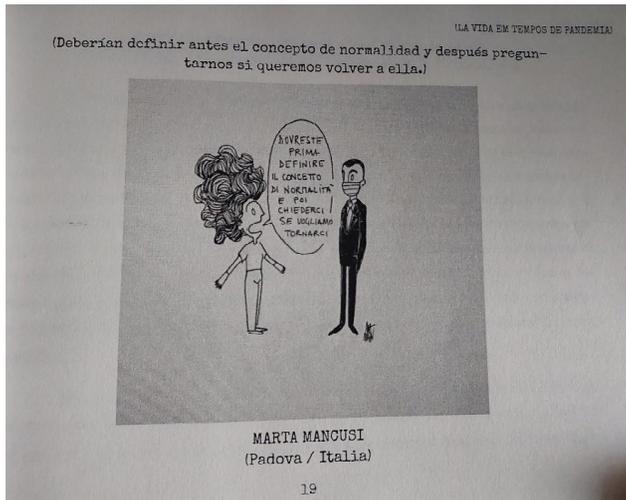


Figura 5: Ilustração de Marta Mancusi (Padova- Itália)

Afinal, o que é normalidade? Qual tipo de normalidade e para quem? A qual tipo de “sociedade normal” queremos voltar? Queremos regressar àquela normalidade? O fio que une os textos mostra que, na verdade, não se quer/nem se deveria pensar em retornar a um antigo ideal de “normalidade”, pois, como já sabemos, ele serve apenas a uma minoria, como também se evidencia nos testemunhos dos textos escritos por pessoas privadas de liberdade. No contexto da prisão, lugar que reina a ordem disciplinar sobre os corpos, o pensar, o agir e o ser (Foucault, 2004), a “normalidade” já é *outra* há muito tempo e aqueles que ali estão já não são vistos em sua humanidade, o sistema opera de um modo intrincado em que ele mesmo desumaniza para sustentar o seu poder e continuar existindo.

Logo, o critério necropolítico (Mbembe, 2018), em sua radicalidade, dita quais vidas merecem ou não viver, como denúncia a “Crônica de la Cuarentena de un preso #1”, de Jorge Rivas, que conta sobre a situação tensa dentro dos presídios e mostra como os presos são desprezados ainda mais no momento pandêmico, sendo considerados como <<vidas descartáveis>>:

También he visto cómo hablan sobre las ‘personas’ que estamos privadas de la libertad, si, ¡personas!, porque si no lo hacen somos personas, personas que por diferentes motivos o circunstancias terminamos acá. He escuchado decir que teníamos que morir todos con este virus, que prueben con nosotros para encontrar la cura, que somos lo peor de lo peor y todas esas cosas que muchos ya saben. (Rivas, 2021, p. 21-22).

O desabafo de Franco Gonzalez, em “Cronicas de la cuarentena de un preso #2”, também discorre sobre o peso dos dias, quando “las cosas cambiaron de la noche a la mañana” (Gonzalez, 2021, p. 61), além de ressaltar as contradições do momento quando se estar em uma cela parece ser mais seguro do que estar na rua.

El día a día se hace más pesado porque yo me tomo un mate cocido con tortas fritas que suplanta las tres comidas diarias, pero ¿mis hermanos tendrán para eso? La cosa se puso fea, miles de muertes en el mundo por un virus que viaja rápido y llega a cualquier parte, ataca a los más desprotegidos que son nuestros abuelos, esos que vienen batallando hace rato con sus vidas, con sus crisis, con los reniegos que les pudimos haber causado sus nietos. (Gonzalez, 2021, p. 61).

As contradições do momento também são apontadas pelo texto Astrid Salazar, cujo título “A quien pueda interesar” relembra uma carta aberta.

Nela, a autora questiona a *hashtag* “quédate en casa” e se pergunta: afinal, a quem foi permitido ficar em casa? Quais classes puderam ficar em casa? Vendido como um produto de luxo, a proteção não é igual para todos, ela não alcança todas as classes sociais de forma homogênea.

Y sí, ya sé, quedarme, quedarme en casa, aquí con los míos, con los poquitos míos que al final son todos. Esos todos que ya no somos iguales porque el virus son estas caritas de temor, de desilusión, de jaladeras de bolas al guardia, de incertidumbre, de sudor recorriendo nuestras sienas; junto a un no sé qué ¿conspirativo? De un váyase por ahí quietecito. No te acerques. Obedece borreguito, pues la comodidad, con internet de fibra óptica, de 4X4 con tanques full, de planes ilimitados, de Delivery las 24 horas y su agua como fuente. No me alcanzarán nunca. Porque llegué tarde, me dicen. (Salazar, 2021, p.54).

PARTE III – ARTICULAÇÕES CARTONERAS, LITERATURA E MEMÓRIA

Segundo os últimos levantamentos da *Our World In Data*,²¹, mais de 6 milhões de pessoas morreram em consequência da COVID-19 e mais de 700 milhões de casos se espalharam pelo mundo, mostrando até mesmo as diversas facetas contrastantes entre países. Os países sul-americanos estão

21 Plataforma digital, tutelada pela Universidade de Oxford, que disponibiliza dados empíricos de pesquisa de modo aberto para toda a comunidade. Desde 2020, reúne diversos dados e informações sobre a pandemia de COVID-19. Site: <<https://ourworldindata.org/>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

marcados por um elevado número de mortes, com predominância do Brasil²² que perdeu mais de 600 mil pessoas. A diferença em número de mortes, taxa de transmissão, quantidade de pessoas vacinadas com todas as doses, fez com que a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) assumisse que a pandemia do coronavírus escancarou um “*apartheid* vacinal”²³, evidenciando as diversas desigualdades e níveis de vulnerabilidade entre países.

Para além dessa questão, o momento pandêmico também foi marcado por discursos negacionistas e por desinformações, o que acendeu o <<ALERTA>>, mais uma vez, para a onda – nada atual– de descrédito do discurso científico. No caso brasileiro, o próprio governo federal, comandado por Jair Messias Bolsonaro,²⁴ se posicionou contra as medidas de isolamento social, negou discursos comprovados cientificamente, disparou *fake news* contra as vacinas, negligenciou cuidados e formas de acesso, além de investir e propagar remédios sem eficácia comprovada. Não podemos esquecer que tais ações

22 Dados oficiais obtidos em COVID-19 -BRASIL, do Ministério da Saúde do Governo Federal. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 10 jan. 2023.

23 Mais informações sobre o uso do termo por Tedros Adhanom — diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), pode ser visto em Observatório das Desigualdades. Disponível em: <<https://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/?p=1778>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

24 O ex-presidente Jair Bolsonaro já foi condenado pelo Tribunal Permanente dos Povos (TPP) por crimes contra a humanidade cometidos durante a pandemia da covid-19, calcula-se que a política adotada pelo seu governo acelerou e aumentou o número de mortes. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/76473/bolsonaro-e-condenado-por-crimes-contra-a-humanidade-no-tribunal-permanente-dos-povos>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

culminaram em uma crise sem precedentes em Manaus,²⁵ onde pessoas morreram de asfixia por causa da ausência de cilindros de oxigênio.

O trauma coletivo²⁶ gerado de um modo geral pelo contexto pandêmico, mas também pela falta de cuidado e amparo por parte dos Estados (em especial do Governo Federal, no caso brasileiro) ainda está em processo de elaboração e mostra a necessidade de uma política de memória para lidar com a trágica situação vivenciada. Diversas ações têm sido feitas para resgatar depoimentos e refletir sobre o vivido, em especial nesta conjuntura em que as tecnologias da comunicação são parte integrante do dia a dia das pessoas.

As iniciativas que envolveram temas relacionados à pandemia algumas vezes foram individuais, outras coletivas. Algumas vezes pessoais, outras institucionais. Algumas vezes acadêmicas, outras com propósitos mais específicos. Algumas valorizam imagens, outras narrativas e ainda outras a cultura material. De alguma forma, todas acessam a vivência do período de pandemia e/ou de isolamento assim podendo funcionar como futuras âncoras de memória — algumas, inclusive, têm o intuito de ser preservadas para que sirvam de reflexões posteriores. Mas algumas vão se perder — ou já se perderam — na grande nuvem de dados e informações que paira sobre nossos meios de comunicação. Muitas vozes. Pluralidades. (Cruz; Perrotta, 2021, p. 328).

25 Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

26 Com tantas mortes, especialistas têm debatido a situação das crianças e jovens órfãos no Brasil. Disponível em: <<https://revistapb.com.br/sociedade/orfaos-da-covid-19-uma-tragedia-social/>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

As produções e ações cartoneras, comentadas neste artigo, exemplificam algumas dessas iniciativas. Muitas das editoras mostraram, principalmente nos meses de maior gravidade da pandemia, uma preocupação com o entorno e se organizaram para continuar “cartoneando” mesmo em um tempo de tragédias, não porque desprezassem o que estava acontecendo; pelo contrário, elas acreditavam que o “encontro” e a possibilidade de *falar/escrever/refletir* sobre os acontecimentos poderiam funcionar como uma forma de denúncia e um modo de lidar com a angústia e o trauma. Ademais, as ações e articulações cartoneras, no período, ressaltam a importância do espaço criativo como espaço de criação de vínculos comunitários que transcendem fronteiras físicas, estabelecendo laços mesmo na virtualidade, como relata Jesse Gainer (2021) no texto “gracias, obrigado, thank you a los mejores amigxs que nunca he conocido”.

Lo irónico es que fue este mismo encierro que me abrió una puerta para que conociera una comunidad internacional de creadores y pensadores críticos que trascienden fronteras. Fue en un día ya de la cuarentena que, por estar un poco aburrido y solitario, empecé a surfear en la internet. Ese día me encontré el afiche de un conversatorio que iba a reunir personas de distintas cartoneras (...) Luego me encontré con una red de cartonexs, una comunidad virtual que se reúne para discutir ideas. Empecé a reunirme con ellos cada semana para conocer proyectos distintos y hablar de temas relacionados con la autonomía, la auto-gestión y la auto-determinación, con cuestiones de institucionalidad, de poesía y literatura, de resistencia y amor, y mucho más. Nunca faltan temas para platicar (...) En estas pláticas de la comunidad de editoriales cartoneras aprendí aspectos de la solidaridad

y el colectivismo. Una comunidad que existe como un universo paralelo al de las editoriales comerciales. En vez de competencia, hay cooperación. En vez de la meta de ganar capital, quieren cultivar lectores. El objetivo es amplificar voces periféricas y subyugadas (...). (Gainer, 2021, p. 16-17).

A ideia de “amplificar a vozes periféricas e subjugadas” se encontra com a noção de caixa de ressonância, criado por Ary Pimentel (2020; 2021), para exemplificar o modo de ação das editoras cartoneras que propagam a difusão de vozes marginalizadas; tal circuito de ressonância se (re)afirma pela circulação dos discursos de pessoas privadas de liberdade, cujas vidas foram vistas como descartáveis no contexto pandêmico, como denunciam as crônicas citadas. Desse modo, notamos então que se os livros cartoneros costumam, por vezes, ser vistos como objetos “exóticos” pelo material utilizado, pelas capas coloridas, eles também podem ser vistos como “(...) uma celebração da criatividade humana, das formas como diferentes recursos podem ser usados para produzir novas formas – formas de arte, resistência e empoderamento”. (Bell, 2017, p. 95, tradução nossa). E, aqui, o sentido de resistência – “o bolsão de resistência”, como recorda Aurelio Meza (2021) ao traçar uma possível comparação com o Zapatismo –, não é só contra o mercado editorial, mas contra a política individualista e de morte que sustenta o próprio discurso de uma política neoliberal – para a qual a economia importa mais que a vida.

Em um certo modo articulado de saber-fazer e de re-existir, as duas obras lançadas, *Letras de Cartón II* e *SARS-CoV-2*, parecem atuar como espaços de fabulação e de construção memorialística. Nesse caso, o espaço do escrito

serve para a elaboração do luto individual e coletivo. Afinal, é no espaço do literário dentro do qual se aceita a trapaça do jogo do lembrar (esquecer, o que é real, o que é ficção), como já dizia Barthes (2007), que isso pode acontecer. Em um sistema onde algumas vidas têm mais valor do que outras, onde algumas memórias têm mais valor do que outras, esses dois livros cartoneros tentam resgatar, de fato, o que seria considerado “lixo” (desde o papelão até os discursos dos sujeitos que não são escutados pelos sistemas). Portanto, se a memória é também um processo social, da ordem do coletivo, no seio da linguagem falamos sobre as lembranças e as reconstruímos – (Halbwachs, 1990); logo, para lembrar o passado é preciso narrá-lo, construir formas de conhecimento comum e compartilhado – lembrar é um ato político! Se, no contexto pandêmico, alguns governos não trataram com devido respeito as vidas, garantindo-lhes dignidade, algumas das ações e produções cartoneras, como aqui demonstrado, reivindicaram espaço para a denúncia e para a memória, como forma de respeito, de elaboração do luto enquanto função política, para que assim se (re)inscrevam no tecido social as vidas que foram perdidas e as vozes que são constantemente silenciadas, com o intuito de se construir uma sociedade mais justa e democrática..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Solange. “Mãos dadas na contramão”. In. *Letras de Cartón II*. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera, 2020, p. 18.
- Bell, Lucy. “Recycling materials, recycling lives: cardboard publishers in Latin America”. In: Johns-Putra, Adeline; Parham, John; Squire, Louise. (org). *Literature and sustainability: concept, text and culture*. Reino Unido: Manchester

- University Press, 2017, p.76-96. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt1wn0s7q>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- Bergamashi, Igor Felipe; Lobo, Andrea Carneiro. “So-lidar-se”. In. *Letras de Cartón II*. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera, 2020, p. 50.
- Barthes, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- Cruz, Lucia Santa; Perrotta, Isabella. “Objetos da quarentena: urgência de memória”. *Rev. Estudos Históricos*, v. 34, nº 73, p. 320-342, 2021.
- Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- Gainer, Jesse. “gracias, obrigado, thank you a los mejores amigos que nunca he conocido”. In. *SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 14-18.
- Gaudério, Gaudêncio. Cartonear em tempos de pandemia. In: *SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 07-08.
- Gonzalez, Franco. “Cronicas de la cuarentena de un preso #2”. In: *SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 61-63.
- Ghebreyesus, Tedros A. OMS afirma é caracterizada como pandemia. *Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)*, Estados Unidos, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 02 de jan. 2023.
- Halbwachs, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- Matta, Gustavo Côrrea; Rego, Sergio; Souto, Ester Paiva; Segata, Jean. (Orgs.). “A COVID-19 no Brasil e as várias faces da Pandemia”. In: *Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/livro/impactos-sociais-da-covid-19-no-brasil-populacoes-vulnerabilizadas-e-respostas-pandemia-os>>. Acesso em: 20 out. 2022.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- Meza, Aurelio. *Hojas fantasmas – Miradas al interior de las editoriales cartoneras en México*. Bogotá: Amapola Cartonera, 2021.
- Scheres, MJ. “Algo ainda não foi dito sobre a covid” *In: SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 09-13.
- Pimentel, Ary. “Mais uma vida se vai [a evolução dos bichos...que somos nós]”. *In: Letras de Cartón II*. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera, 2020, p. 46-49.
- Pimentel, Ary. “Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial”. *Rev. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 62, e622, 2021, p. 01-14.
- Raiz, Ana. “Entre linhas e afetos”. *In: Letras de Cartón II*. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera, 2020, p. 51-61.
- Rivas, Jorge. “Cronicas de la cuarentena de un preso #1”. *In: SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 21-22.
- Salazar, Astrid. “A quien pueda interesar”. *In: SARS-CoV-2*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2021, p. 52-54.
- Vila, Adrián. “Ediciones Cartoneras latinoamericanas en tiempos de transposición a digital”. *Rev. Chilena de Literatura*, n. 94, 2016, p.119-143.